

ESTUDOS NIETZSCHE

VOL. 15 – N. 01 ISSN 2179 – 3441

Editorial

Os Editores

O primeiro número do volume de 2024 da *Estudos Nietzsche* apresenta uma seção única “Varia”. Ela se abre com o artigo “Nietzsche e os marcos críticos do feminismo: verdade, emancipação e esclarecimento ‘da mulher’” de Fernando da Silva Machado. Nele, seu autor estuda notadamente a sequência de aforismos 231 a 239 de *Além do bem e do mal*, para compreender como se apresenta o problema da “mulher” em Nietzsche, ele que critica a essencialização do feminino como feito pela primeira onda do movimento feminista e que mostra os seus consequentes limitação e empobrecimento pela obliteração das potencialidades do feminino. Em seguida, temos o artigo de José Nicolao Julião intitulado “Para uma interpretação nietzschiana do Renascimento”, no qual o autor apresenta a influência de Burckhardt para a compreensão do Renascimento por parte de Nietzsche, a maneira como esse último aborda o movimento na chamada fase intermediária de seu pensamento – com a valorização das ciências, das artes e do “espírito livre” – e, enfim, como a figura de César Bórgia se torna central em suas últimas obras. Elias Russini é o autor do artigo seguinte, “Sobre a forma mercadológica do ideal ascético”, no qual se trata de operar uma leitura marxiana ou, mais precisamente, adorniana, da *Genealogia da moral*, especificamente dando à noção de “ideal ascético” uma interpretação dialética. O texto “Nietzsche na imprensa brasileira do século XIX: sobre as interpretações e os autores de ‘O neo-cinismo’ (1893) e ‘A filosofia na moda’ (1896)”, de Luís Rubira, é uma importante contribuição para os estudos da recepção de Nietzsche no Brasil, identificando os primeiros comentários sobre o filósofo brasileiro em nosso solo e suas autorias, posto terem sido escritos sob pseudônimos. Em seguida, com “O espírito cômico no pensamento de Nietzsche”, Lucas Caminha Cândido Vieira aborda a questão do riso e da comicidade como posicionamento filosófico dionisíaco responsivo à crítica nietzschiana à tradição metafísica negadora do devir, fundada na racionalidade socrática.

O artigo “Relações entre espaço, tempo e causalidade na teoria do conhecimento de Kant e os esboços epistemológicos de Nietzsche” de Márcio Luiz

da Silva e de Ricardo de Oliveira Toledo, explora o confronto de Nietzsche com as concepções kantianas de espaço, tempo e causalidade, analisando sua reinterpretação dessas noções à luz do desenvolvimento de seu pensamento entre o período de juventude e o período intermediário de sua obra, apontando para as ressonâncias desse confronto também na obra de maturidade. Se Kant definiu espaço e tempo como formas *a priori* da sensibilidade e a causalidade como uma categoria do entendimento que organiza os fenômenos em relações de causa e efeito, Nietzsche, por sua vez, influenciado inicialmente por Schopenhauer, apropriou-se das linhas de base do idealismo transcendental no contexto de sua metafísica de artista, mas distanciou-se gradualmente das versões mais ortodoxas do kantismo, alinhando-se às tendências naturalistas da época. Fecha a seção “Varia” o texto de William Mattioli, de título “O *ethos* da vida teórica e a necessidade metafísica: o espírito livre nietzscheano entre Schopenhauer, Voltaire, Montaigne e Descartes”, onde vemos como a noção de “espírito livre” se desenvolve na obra de Nietzsche na transição do período de juventude ao período intermediário de seu pensamento, influenciada, em grande medida, por uma certa tradição da literatura filosófica francesa, com destaque para Voltaire, Montaigne e Descartes, à luz da qual ele abandona seu engajamento de juventude com a metafísica de Schopenhauer e com o programa cultural wagneriano. Mattioli explora a adesão inicial de Nietzsche à tese da necessidade antropológica da metafísica, influenciada por Kant, Schopenhauer e Lange e vinculada a uma concepção metafilosófica que enxerga a tarefa da filosofia como essencialmente prática, para, em seguida, acompanhar como o filósofo revisa essa posição em *Humano, demasiado humano*, obra na qual a filosofia aparece como um empreendimento essencialmente cognitivo, vinculado ao ideal da ciência moderna.

Encerra esta edição as seções de resenhas e de tradução. Na primeira, temos as resenhas de dois livros recentemente publicados no Brasil: MARTON, Scarlett. *Nietzsche, filósofo da suspeita*. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2024, resenha escrita por Danilo Bilate, e JULIÃO, José Nicolao. *As considerações de Nietzsche sobre o Renascimento*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2023, resenha escrita por André Itaparica. Na seção de tradução, disponibilizamos em português o texto “Público e Popularidade III” de Richard Wagner, traduzido por Lucas Pires Ramos, texto escrito por como resposta à publicação de *Humano Demasiado Humano I*, publicado em agosto de 1878 na revista *Bayreuther Blätter*, da qual ele próprio era colaborador, onde Wagner tece severas críticas a Nietzsche, sem citá-lo diretamente.